

ARTIGO CIENTÍFICO

## Orientação sexual no ensino médio: combate ao Papilomavírus Humano

*Sexual orientation in high school: fighting the Human Papillomavirus*

Biazi Ricieri Assis<sup>1</sup>, Carlos Alberto Sanches Pereira<sup>1</sup>, Flávio Vaz Machado<sup>2</sup>, Ilda Cecília Moreira Da Silva<sup>1</sup>

### Resumo

O número de infecções pelo *Papilomavírus Humano* (HPV) em jovens adolescentes vem aumentando a cada ano. Como consequência, mulheres em idades precoces estão desenvolvendo lesões precursoras e invasoras no colo do útero. Neste artigo propõe-se uma análise do conteúdo didático em livros do ensino médio aprovados e recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2018, em relação à abordagem de infecções e doenças sexualmente transmissíveis associadas ao HPV na orientação sexual de alunos no ensino médio. Os critérios e parâmetros utilizados nas análises foram: linguagem científica, contextualização do conteúdo, ilustrações e exercícios de consolidação. A análise dos conteúdos apresentados nos livros, demonstrou deficiências na transmissão de informações relevantes acerca das doenças provocadas pelo HPV, no rastreamento para diagnóstico precoce de doenças associadas e na prevenção primária (vacinação). Salienta-se a importância de uma orientação sexual conduzida por uma matriz curricular transversal para abordagem dos temas em educação sexual, assim como a capacitação de docentes e ferramentas didáticas imprescindíveis para o desenvolvimento da vida sexual de jovens adolescentes.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Livros Didáticos, HPV.

### Abstract

The number of infections by Human *Papillomavirus* (HPV) in young adolescents has been increasing every year. As a consequence, women in premature age are developing precursor and invasive lesions in the cervix. This paper proposes an analysis of the didactic content in high school books approved by the National Program of the Didactic Book of 2018, in relation to the approach of infectious and sexually transmissible diseases associated to the HPV in high schoolers sexual orientation. The criteria and parameters used in the analysis were: scientific language, content contextualization, illustrations and consolidation exercises. The evaluation of the books showed deficiencies in the transmission of information relevant to diseases caused by HPV, in screening for early diagnosis of associated diseases and in primary prevention (vaccination). We would like to stress the importance of sexual orientation conducted by a transversal curricular matrix for the approach of sexual education topics, as the capacitation of teachers and didactic tools indispensable for the development of the sexual life of young adolescents.

**Key-words:** Sexuality; didactic books; HPV.

### Introdução

O *Papilomavírus Humano* (HPV) são adenovírus pertencentes à família *Papillomaviridae*, possuindo mais de 100 subtipos conhecidos, sendo responsáveis por um elevado percentual de infecções sexualmente transmissíveis no mundo. Seus subtipos são divididos de acordo com seu potencial oncogênico em: Baixo risco, subtipos 6, 11, 26, 30, 40, 42, 43, 44, 54, 70 e 73, e os de Alto risco, subtipos 16, 18, 31, 33, 35, 39, 45, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 64 e 68. Os subtipos de Alto Risco são responsáveis pelo desenvolvimento de Neoplasias Intraepiteliais (lesões precursoras) do colo uterino, que poderão desenvolver o carcinoma (câncer) invasor, assim como outras lesões malignas na vulva, vagina, pênis, orofaringe e ânus. Os subtipos de Baixo Risco, menos agressivos, estão geralmente associados a lesões benignas, como o condiloma acuminado (FIGUEIREDO; CORREIA; OLIVEIRA, 2013).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

O HPV é responsável por aproximadamente 99% dos casos de câncer de colo uterino, sendo o terceiro tipo de câncer mais frequente em mulheres e o quarto em taxas de mortalidade. A cada ano, mais de 56 mil mulheres são diagnosticadas com câncer de colo do útero na América Latina e no Caribe e mais de 28 mil perdem a vida por conta desta doença (WHO, 2016). No Mundo, representa o quarto tipo mais comum de câncer em mulheres, com cerca de 570 mil novos casos no ano de 2018, com estimativa de 311 mil mortes anuais, sendo mais de 85% dessas em países menos desenvolvidos (OPAS, 2019).

Na adolescência observa-se fatores de risco como: início precoce da vida sexual e reprodutiva, multiplicidade de parceiros e baixa adesão ao uso de preservativos (camisinha) nas atividades sexuais. Com isso, uma elevada taxa de contaminação de jovens adolescentes pelo HPV, contribui para um número elevado de infecções e doenças precoces nessa população. A transmissão do vírus pode ocorrer durante o sexo vaginal, anal, oral e até no ato de masturbar o parceiro. Além disso, a presença de lesões na base do pênis e na vulva podem contaminar os indivíduos mesmo fazendo uso da camisinha. A

✉ Ilda Cecília Moreira da Silva  
ilda.silva@foa.org.br

<sup>1</sup> Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA)

transmissão vertical (mãe-filho) é mais rara podendo ocorrer durante o parto vaginal (FILHO et al., 2018).

Praticamente todos os registros de câncer de colo uterino estão relacionados ao HPV. Os subtipos 16 e 18 são os principais responsáveis pelo desenvolvimento do Carcinoma invasor (câncer). Acredita-se que 70 a 80% de mulheres e homens, sexualmente ativos irão adquirir o vírus em algum momento de sua vida. No Brasil, acredita-se que a infecção pelo HPV em pessoas com idade entre 16 e 25 anos esteja em torno de 54,6% nas mulheres e de 51,8% em homens (AZEVEDO; DIAS, 2016).

Segundo estatísticas do Instituto Nacional do Câncer (INCA) são estimadas que para cada ano do triênio 2020/2022, sejam diagnosticados 16.590 novos casos de câncer de colo uterino. Isso representa a terceira causa de morte por câncer em mulheres no Brasil (INCA, 2020).

O Brasil apresenta elevadas taxas de prevalência de jovens infectados pelo HPV; porém, a escassez de dados estatísticos acaba por ocultar a verdadeira magnitude desse problema de saúde pública. O início de atividades sexuais precoces na população de adolescentes, associado a múltiplos parceiros sexuais e a relação sexual sem preservativo, ocasiona exposição propícia para a infecção pelo HPV e sua disseminação entre os jovens. Devemos lembrar que nesta fase de vida na mulher, a atividade biológica cervical está em nível máximo, e a replicação celular e as substâncias presentes no meio cervical facilitam a infecção pelo vírus (MACÊDO et al., 2015).

As mulheres infectadas pelo vírus serão assintomáticas na fase precoce da doença. No início, as lesões microscópicas conhecidas como Neoplasias Intraepiteliais são representadas por lesões de baixo grau–NIC I e lesões de alto grau NIC II e III, que evoluem progressivamente mediante ao processo de displasia celular. Felizmente, a maioria dos casos não evolui desfavoravelmente para doença maligna, ou seja, ocorre a resolução espontânea da lesão. Observa-se geralmente uma evolução lenta da doença na maioria dos casos, permitindo que as lesões detectadas de forma precoce possam ser tratadas de forma mais simples e de baixo custo. O diagnóstico precoce do câncer de colo uterino é a grande chave para diminuição das taxas de mortalidade e morbidade da doença e melhores chances de cura das pacientes. Os picos de incidência estão entre mulheres de 40 a 60 anos de idade, sendo o diagnóstico de doença maligna dificilmente observada em mulheres com menos de 30 anos (INCA, 2016a).

No Brasil, o principal método de rastreamento para o câncer de colo uterino, se faz por meio do exame de Papanicolau (preventivo) em mulheres de 25 a 64 anos de idade. O programa de rastreamento populacional alcança aproximadamente 80% de cobertura; porém, com importantes diferenças entre algumas regiões e classes sociais, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde de 2013 (IBGE, 2015).

Conhecendo a baixa incidência e evolução para lesões graves em pacientes jovens, principalmente antes dos 20 anos de idade (apesar de controvérsias) e na tentativa de evitar

métodos terapêuticos desnecessários com maior risco de morbidade obstétrica e neonatal em gestações futuras, o Ministério da Saúde estabeleceu o início do rastreamento em mulheres com 25 anos (INCA, 2016b). Porém, muitas adolescentes só passariam a ter contato com um profissional da saúde a partir da idade preconizada para início do rastreamento e sabe-se que questões culturais, sociais e educacionais formam uma “barreira” entre muitas jovens mulheres e sua primeira consulta com o médico ginecologista. Para preencher essa lacuna, o trabalho desenvolvido na educação e orientação sexual nas escolas pode ser uma importante ferramenta de informação e ensino no combate a infecção pelo HPV.

O Brasil em 2014, foi o primeiro país da América do Sul e o sétimo do mundo a inserir a vacina contra o HPV no Programa Nacional de Vacinação. O câncer de colo uterino é um dos poucos tumores malignos que pode ser prevenido com a vacinação. A vacina (quadrivalente) confere proteção contra os quatro subtipos mais frequentes do HPV (6, 11, 16 e 18), é ofertada gratuitamente para meninas entre 9 e 14 anos e também para mulheres até 26 anos de idade vivendo com HIV/AIDS. Em 2017, a vacina também passou a ser realizada em meninos entre 11 e 14 anos e para homens até 26 anos de idade que estejam vivendo com HIV/AIDS. O grande desafio ainda se encontra na baixa adesão da população alvo à vacinação. A desinformação e o preconceito ainda são os principais responsáveis por esse problema de Saúde Pública no país (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Os dados do Ministério da Saúde mostram que cinco anos após o início da primeira campanha nacional de vacinação contra o HPV menos de 50% da população alvo foi imunizada, com números bem abaixo do preconizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A baixa adesão à vacinação contra o HPV deve-se a falta de informações à população sobre a importância da vacina, as falsas notícias e publicações pelas mídias (*fake News*) sobre reações adversas provocadas pela vacina, e ao despreparo não só de profissionais de saúde como também educadores que, em sua prática pedagógica, possam abordar o assunto de forma didática e esclarecedora aos alunos, podendo “quebrar” as barreiras do preconceito e estímulos que envolvem o assunto (SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES – SBIm, 2019).

A prática de vacinação tem como meta alcançar uma cobertura de pelo menos 80% de meninas e meninos (meta percentual preconizada pela OMS). O trabalho em campanhas e sua divulgação nas escolas é fundamental para que se possa vacinar as crianças antes de iniciarem suas atividades sexuais; ou seja, naquelas que ainda não tiveram contato com o vírus. Dessa forma, a eficácia da vacina aumenta e melhores resultados podem ser obtidos (OMS, 2019).

A abordagem da temática sexualidade nas escolas intensificou-se a partir da década de 80, quando assuntos como o HIV/AIDS e outras ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), além da gravidez indesejada, passaram a ser assuntos que atingiam e inquietavam a sociedade. Nesse momento toda sociedade passava por transformações no

âmbito político e social importantes. Não diferente a escola também necessitava de modificações em sua estrutura pedagógica curricular, para suprir a necessidade em enfatizar temas sobre sexualidade na sua devida importância (MEC, 2018).

A educação e a orientação sexual então ganharam a partir daí a importância necessária e responsabilidade em tratar da saúde sexual e qualidade de vida dos alunos. Os educadores passaram a desempenhar um papel fundamental em transmitir informações e conceitos abordados no ambiente escolar, “concorrendo” com o poder das mídias e seus veículos de propaganda. Esses veículos de informações são responsáveis por uma série de conteúdos informativos equivocados e falsos, que invadem os lares e formam opiniões, muitas vezes de péssima qualidade.

Segundo a ótica freiriana (Paulo Freire), a importância de discutir educação e sexualidade está na formação de educandos para o melhor convívio social, ético e responsável no exercício de sua cidadania (FREIRE, 2011). Mediante ao reconhecimento da gravidade das doenças relacionadas à infecção pelo HPV e o impacto na qualidade de vida e saúde da mulher, faz-se necessário que as escolas e seus professores participem de forma ativa no papel complementar à família na formação de conceitos e ideias em aulas de orientação sexual.

A adolescência marca uma fase do desenvolvimento humano de diversas modificações morfológicas, metabólicas e hormonais, além da questão psicossocial influenciada por aspectos culturais e época vivida. Diante de tantas transformações, o adolescente, desprovido de uma educação sexual adequada, pode sofrer consequências indesejadas de forma precoce, o que poderá marcar sua qualidade de vida e futuro (MACÊDO et al., 2015).

A sexualidade desses jovens será construída no somatório de suas vivências (incluindo as escolares) e interações com o meio social e cultural nos quais estão inseridos. Logo, o papel da escola e seus educadores são de suma importância na solidificação de conceitos e ideias a respeito da sexualidade na vida desses indivíduos. A relação entre gêneros, gravidez na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e preventivos, dentre outros temas, devem ser abordados de forma transversal e multidisciplinar, contextualizando em cada disciplina, o assunto a ser tratado, objetivando facilitar o aprendizado e aumentando o interesse dos alunos. Para tanto, faz-se necessário a atualização e capacitação dos professores para tratar estes temas utilizando metodologias para o desenvolvimento da temática, abordando curiosidades, esclarecendo dúvidas e informando sempre de forma transparente e responsável (MEC, 2018).

A problematização de situações do cotidiano pode ser trabalhada a fim de responder questões importantes no convívio dos alunos, buscando uma reflexão crítica que os permita encontrar novos significados de informações e conceitos prévios. Assim, uma boa educação sexual deve permitir desenvolvimento de potencialidades desses jovens

que iniciam sua vida sexual e torná-los multiplicadores de atitudes e conhecimentos adquiridos na escola.

As escolas públicas da educação básica, recebem livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para instrumentar suas práticas docentes. O professor se embasa nesse recurso como ponto de partida para elaborar estratégias pedagógicas para enriquecer a abordagem dos conteúdos que trabalha em sala de aula (NICOLA; PANIZ, 2016; MODELSKI, 2018).

De acordo com Germinari; Moura (2017), os livros didáticos selecionados pelo PNLD são amplamente distribuídos em todo território nacional, chegando a milhares de professores e alunos. Sendo assim, o objetivo do estudo consiste em analisar a abordagem de sobre o HPV e doenças relacionadas ao vírus, em livros didáticos comumente utilizados para o ensino de Biologia no Ensino Médio, que foram aprovados e recomendados pelo PNLD de 2018. Além disso, apresenta-se uma breve dissertação sobre o HPV e importante papel do professor como intermediador na Educação sexual dos alunos.

O Ministério da Educação preconiza que a avaliação do livro didático é uma resposta ao compromisso com a melhoria e ampliação dos recursos didáticos disponíveis para o trabalho docente e para o efetivo apoio ao desenvolvimento intelectual do aluno (BRASIL, 2009).

### **Critérios metodológicos do estudo**

A análise do conteúdo relacionado a infecções e doenças causadas pelo HPV foi realizada a partir de um delineamento prévio, onde se obteve a seleção da amostragem dos livros didáticos: obras aprovadas e recomendadas pelo PNLD para o Ensino Médio de 2018. Em seguida utilizou-se como parâmetros para análise dos livros didáticos: a linguagem científica, contextualização do conteúdo, ilustrações e exercícios de consolidação.

As questões indagativas realizadas nas obras relacionadas a seguir, referentes aos seguintes tópicos, ajudaram a nortear os parâmetros de análise.

### **Delineamento prévio**

A amostragem dos livros foi selecionada com base nas obras didáticas de biologia aprovadas e recomendadas pelo PNLD rama Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Ensino Médio de 2018.

Este artigo apresenta uma resenha e avaliação crítica de dez (10) volumes de livros de Biologia utilizados no Ensino Médio (Figura 1).

**Figura 1:** Livros didáticos selecionados para análise

<b>LIVRO A</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Biologia Moderna - Amabis &amp; Martho, Moderna, 1ª Ed. 2016. Vol. 2</li> <li>• Autores: Gilberto Rodrigues Martho; José Mariano Amabis</li> </ul>
<b>LIVRO B</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Biologia Hoje. Editora Ática, 3ª Ed. 2016 - Vol. 2</li> <li>• Autores: Fernando Gerwandsznajder, Sérgio Linhares e Helena Pacca</li> </ul>
<b>LIVRO C</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Biologia - Unidade e Diversidade. FTD, 1ª Ed. 2016. Vol. 2</li> <li>• Autores: José Arnaldo Favaretto</li> </ul>
<b>LIVRO D</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Biologia. AJS, 3ª Ed. 2016. Vol. 2</li> <li>• Autores: Vivian L. Mendonça</li> </ul>
<b>LIVRO E</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Integralis - Biologia: novas bases. IBEP, 1ª Ed. 2016. Vol. 2</li> <li>• Autores: Nélio Bizzo</li> </ul>
<b>LIVRO F</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser Protagonista - Biologia. SM, 3ª Ed. 2016. Vol. 2</li> <li>• Autores: André Catani, et al.</li> </ul>
<b>LIVRO G</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conexões com a Biologia, Moderna, 2ª Ed. 2016. Vol. 3</li> <li>• Autores: Obra coletiva. Editora Rita Helena Bröckelmann</li> </ul>
<b>LIVRO H</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bio, Moderna, 3ª Ed. 2016. Vol. 2</li> <li>• Autores: Sônia Lopes e Sérgio Rosso</li> </ul>
<b>LIVRO I</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Biologia. Saraiva, 12ª Ed. 2016. Vol. 2</li> <li>• Autores: César da Silva Junior, Sezar Sasson, Nelson Caldini Junior</li> </ul>
<b>LIVRO J</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• # Contato Biologia. Quinteto, 1ª Ed. 2016. Vol. 2</li> <li>• Autores: Marcela Yaemi Ogo e Leandro Pereira de Godoy</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2021). Extraído PNLD 2018. Guia de Livros didáticos Ensino Médio (BRASIL, 2017).

De acordo com Germinari; Moura (2017), os livros didáticos selecionados pelo PNLD são amplamente distribuídos em todo território nacional, chegando a milhares de professores e alunos. Sobre a escolha e seleção dos autores recomendados pelo Programa, os autores frisam que:

O PNLD dá aos profissionais envolvidos com o ensino a oportunidade de escolher a obra a ser utilizada na sala de aula. Uma tarefa muito importante que exige seriedade dos docentes, na medida em que a escolha errada pode dificultar e/ou comprometer a aprendizagem dos alunos. Por isto, os professores têm que encontrar critérios de seleção, os quais permitam a melhor escolha, para que sejam alcançadas as aprendizagens condizentes com as expectativas da disciplina e também da própria sociedade (GERMINARI; MOURA, 2017, p.103).

As questões indagativas realizadas na tabela 1, referentes aos tópicos, ajudaram a nortear os parâmetros de análise.

Tabela 1 – Questões parâmetros para análise dos aspectos didático metodológicos

<b>Tópicos didático metodológicos</b>	<b>Questões parâmetros que norteiam a análise</b>
Linguagem e Conteúdo Científico	A linguagem científica está adequada ao desenvolvimento cognitivo do discente? A apresentação do conteúdo abrange toda complexidade do tema proposto?
Contextualização do conteúdo	O conteúdo está exposto de modo que contextualize com a realidade do discente?
Ilustração	As ilustrações auxiliam e complementam o conteúdo abordado?
Exercícios de consolidação	As atividades propostas auxiliam os alunos a apreender os conhecimentos científicos dispostos na obra? Estimulam a discussão e reflexão crítica dos temas desenvolvidos em sala de aula?

Fonte: os autores

### Linguagem e conteúdos apresentados

A linguagem utilizada na maioria dos livros é simples para a compreensão dos alunos, mas poderiam conter palavras e conceitos tecnicamente melhor trabalhados para trazer informações importantes, principalmente quando tratam de doenças relacionadas ao vírus, como ex: Câncer ou Carcinoma de Colo Uterino, Neoplasias Intraepiteliais, lesões precursoras, displasias e metaplasias celulares, e outros tipos de tumores relacionados a infecção pelo HPV.

A linguagem científica tem particularidades específicas e, em concordância com Oliveira et al., (2009) “merecem uma particular atenção, pois interfere na compreensão de conceitos científicos. O domínio da linguagem pelo aluno transforma-se num valioso instrumento de desenvolvimento dos processos cognitivos e orienta a construção do próprio conhecimento”.

De maneira geral, o tratamento científico sobre o HPV em relação à infecção (contágio), formas de transmissão e prevenção primária e secundária, são pobres em informações técnicas e detalhadas. O potencial desenvolvimento de doenças malignas a partir da infecção pelo HPV também é pouco enfatizado na maioria dos conteúdos avaliados.

### Sobre a contextualização dos conteúdos

A contextualização das obras analisadas vai ao encontro com os ideais do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio (BRASIL, 2009), que frisa que, contextualizar é a

palavra de ordem no ensino, que os textos precisam oportunizar ao docente e discente.

Os livros avaliados carecem de dados epidemiológicos a respeito do HPV e do Câncer de Colo Uterino, apresentando a triste realidade da doença em nosso país. Isso dificulta a compreensão e o entendimento da relevância do rastreamento e prevenção da doença, além do desafio no combate à doença no atual cenário da Saúde Pública no Brasil. A presença da vacina contra o HPV no calendário de vacinação oferecida gratuitamente pelo Ministério da Saúde não é destacada, assim como a importância na sua adesão para diminuir os casos de infecção pelo HPV. Sabemos que a desinformação é a principal causa das baixas taxas de adesão a vacinação contra o vírus pela população jovem adolescente em nosso país.

A contextualização de conteúdo é destaque nas orientações iniciais do Guia de Livros didáticos do Ensino Médio que menciona neste aspecto:

Os livros didáticos atuais se desenvolveram muito, focando em interessantes articulações entre as Ciências Biológicas, nossa Ciência de referência, e a vida, em suas muitas dimensões (social, cultural, política etc.). Assim, abrem-se muitas possibilidades de uso desses materiais, na busca por inovar e projetar ambientes educativos que dialoguem efetivamente com as necessidades formativas de nossos estudantes, em uma sociedade que se desenvolve e se transforma continuamente, produzindo novas e importantes problemáticas (BRASIL, 2017).

### As ilustrações

Notam-se na maioria dos livros, a falta de ilustrações com maior riqueza de detalhamento anatômico, e também fotos reais de sinais clínicos e apresentação de doenças relacionadas ao HPV. Não há nenhuma figura que ilustre o colo do útero e suas particularidades anatômicas, como: sua localização no fundo vaginal, seu epitélio característico e sua suscetibilidade a infecção pelo vírus. Não podemos perceber ilustrações que façam alusão ao exame preventivo (Papanicolau) e sua importância no rastreamento de doenças precursoras e do próprio Carcinoma invasor do colo uterino. Além disso, não encontramos figuras que representem a campanha de vacinação do Ministério da Saúde gratuita para jovens adolescentes de ambos os sexos.

Sabemos que ilustrações, desenhos e figuras são formas de apreensão da atenção e ferramentas facilitadoras na assimilação do conhecimento. Fotos reais representando lesões provocadas pelo agente agressor despertam nos discentes a curiosidade e auxiliam na concretização de informações abstratas sobre as quais os mesmos não tiveram

contato. Portanto, o apelo visual de imagens, é um importante veículo de informações e deve compor o projeto pedagógico inserido nos livros didáticos aplicados nas escolas (TOMIO et al., 2013).

### Exercícios de consolidação

A proposta de atividades após aulas expositivas, deve buscar abordar os temas mais polêmicos e delicados, de maneira lúdica e libertária, utilizando ferramentas de metodologias ativas que possibilitem desenvolver discussões e debates abertos entre alunos e docentes. Lembrando que o estudante deve ser sempre o centro do processo de aprendizagem, participando de forma ativa e responsável pela construção do conhecimento (SILVA et al., 2018).

Assim, as metodologias ativas procuram criar situações de aprendizagem em que os aprendizes fazem coisas, colocam conhecimentos em ação, pensam e conceituam o que fazem, constroem conhecimentos sobre os conteúdos envolvidos nas atividades que realizam, bem como desenvolvem estratégias cognitivas, capacidade crítica e reflexão sobre suas práticas, fornecem e recebem feedback, aprendem a interagir com colegas e professor e exploram atitudes e valores pessoais e sociais (BERBEL, 2011; MORAN, 2015).

Atividades como: jogos; seminários; trabalho em pequenos grupos; relato crítico de experiência; socialização; mesas-redondas; plenárias; exposições dialogadas; debates temáticos; oficinas; leitura comentada; apresentação de filmes; interpretações musicais; dramatizações; dinâmicas lúdico-pedagógicas; portfólio; avaliação oral, podem fazer parte de práticas pedagógicas que estimulem os discentes a aprimorar sua capacidade de raciocínio crítico, favorecendo a aperfeiçoar competências e assim auxiliar os mesmos a lidar e resolver situações cotidianas em suas realidades sociais (BERBEL, 2011).

Portanto, os exercícios propostos em livros didáticos precisam incentivar a busca ativa pelo conhecimento por parte do educando, propondo desenvolver práticas de ensino que rompam com metodologias tradicionais, e possam garantir um processo de aprendizagem significativa crítica.

### Considerações finais

A Educação sexual no Brasil ainda não é compulsória, sendo apenas incentivada pelo Ministério da Educação (MEC), porém ainda não contidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que norteia os currículos em toda rede de ensino no país.

O processo de educação sobre sexualidade objetiva o crescimento intelectual, físico, afetivo-emocional e sexual dos jovens, sendo importante para construção de cidadãos que se preocupem com o bem-estar comum na sociedade. A garantia que informações corretas e adequadas possam alcançar os adolescentes nas escolas, contribui diretamente para minimizar as situações de risco à saúde destes.

Embora respeitando que a família exerce um papel fundamental em experiências e valores transmitidos aos

jovens, também acredita-se que a escola é um importante meio de relações e vivência cotidiana entre jovens adolescentes, onde os professores e os materiais didáticos possam de fato contribuir para educação sexual e bem estar dos alunos. Portanto, atualizar o Programa Saúde na Escola, com aperfeiçoamento e melhorias no conteúdo teórico dos livros didáticos é imperativo para o melhor aproveitamento e desenvolvimento intelectual dos alunos em relação aos temas abordados.

## Referências

- AZEVEDO, D. S.; DIAS, J. M. G. A prevenção da infecção pelo HPV e o câncer cervical. **Revista Femina**, v. 44, n. 2, p. 85-91, 2016.
- BRASIL. Biologia: catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio: PNLEM/2009. Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**, 2009. 108 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. PNLD 2018: Biologia - guia de livros didáticos - Ensino Médio. Secretária de Educação Básica - SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: **Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica**, 2017. 92 p.
- BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: ciências sociais e humanas**. V. 32, n. 1, p. 25-40, 211.
- FILHO, A. L. S. et al. Tratado de ginecologia e obstetrícia Febrasgo. 2. ed. Rio de Janeiro: **Elsevier**, 2019.
- FREIRE, L. A. M. Educação em saúde com adolescentes: uma análise sob a perspectiva de Paulo Freire. 2011, 98 f. (Mestrado em Enfermagem). **Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- GERMINARI, G. D.; MOURA, A. F. Livro didático de história, entre conteúdos e epistemologia. Vol. 21, n.º.1, **Educação Unisinos**, p. 102-110, Jan./Abr., 2017.
- IBGE. Pesquisa nacional de saúde 2013: ciclos de vida Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2015.
- INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER - INCA. Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil, Rio de Janeiro: **INCA**, 2020.
- INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER - INCA. Diretrizes brasileiras para o rastreamento de câncer do colo do útero. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: **INCA**, 2016a.
- INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER - INCA. Diretrizes brasileiras para o rastreamento de câncer do colo do útero. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: **INCA**, 2016b.
- MACÊDO, F. L. S. et al. Infecção pelo HPV na adolescente. **Revista Femina**, v. 43, n. 4, p. 185-188, 2015.
- MINISTERIO DA EDUCACÃO E CULTURA – MEC – **Orientação Sexual** 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em: 10 de mai. 2021.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Campanhas contra o HPV. Disponível em: <<https://portalarquivos.saude.gov.br/campanhas/hpv/index.html>>. Acesso: 10 de mai. 2021.
- MODELSKI, D.; AZEREDO, I.; G. Lucia. Formação docente, práticas pedagógicas e tecnologias digitais: Reflexões ainda necessárias. **Revista Pesquiseduca**, v. 10, n. 20, p. 116-133, Jan.-Abr. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/678>>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. Disponível em: <[www.2.eca.usp.br/2013/12/metodologias\\_moran1](http://www.2.eca.usp.br/2013/12/metodologias_moran1)>. Acesso: 10 de mai. 2021.
- NICOLA, J. A.; PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de Biologia. Inovação e Formação, **Rev. NEAD-Unesp**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 355-381, 2016. Disponível em: <<https://ojs.ead.unesp.br/index.php/nead/article/view/InFor2120167>>. Acesso em: 10 Mai. 2020.
- OLIVEIRA, T.; FREIRE, A.; CARVALHO, C.; AZEVEDO, M.; FREIRE, S.; BAPTISTA, M. Compreendendo a aprendizagem da linguagem científica na formação de professores de ciências. **Revista Educar**, Curitiba, n. 34, p. 19-33, 2009. **Editora UFPR**. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/er/n34/02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/er/n34/02.pdf)>. Acesso em: 22 Abr. 2021.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Folha informativa: HPV e câncer do colo do útero**. 2019.
- SILVA, A. P. et al. Metodologias ativas aplicadas ao ensino Médio. Disponível em: <<http://pbl2018.panpbl.org/>>. Acesso 10.04.2020.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÃO. HPV. Disponível em: <<https://familia.sbim.org.br/hpv>>. Acesso: 05.04.20.
- TOMIO, D. et al. As imagens no ensino de ciências: o que dizem os estudantes sobre elas? **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2013.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. Global joint programme on cervical cancer, 2016.